

# ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS VOLTADAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: CAMINHOS PARA UMA ESCOLA MAIS INCLUSIVA

Maurilane Pereira da Costa<sup>1</sup>  
Alane Meneses dos Santos<sup>2</sup>  
Maria Gabriela da Silva Sousa<sup>3</sup>  
Alexia Leticia Almondes de Moura<sup>4</sup>  
Heloisa Gonçalves de Sousa<sup>5</sup>  
Maria da Conceição Rodrigues Martins<sup>6</sup>

## RESUMO

A Educação Antirracista tornou-se um elemento essencial na luta contra o racismo desempenhando um papel fundamental na valorização da história e cultura afro-brasileira, traçando assim um novo caminho no combate à desigualdade racial. Partindo dessa premissa, o objetivo desse trabalho é apresentar estratégias didáticas exploradas na disciplina de Didática da História e refletir sobre sua aplicabilidade no ambiente escolar como incentivo para a equidade nas escolas, assim como o conhecimento e valorização da História e Cultura Afro-brasileira, bem como discorrer sobre a importância da educação antirracista no contexto escolar. A metodologia adotada neste trabalho trata-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa, tendo como embasamento o estudo da lei nº 10.639/03, assim como experiências adquiridas a partir da disciplina de Didática da História do Curso de Pedagogia. Dentre as referências teóricas usadas estão Gomes (2011), Munanga (2019) e Guimarães (2003). Através dos resultados alcançados destacamos a importância de estratégias pedagógicas voltadas para práticas antirracista, uma vez que trabalhadas desde o início da Educação Básica tais práticas, assim como qualquer prática pedagógica, pensada e planejada a fim de trazer significado para o desenvolvimento do aluno torna-se essencial. A partir do referido estudo, conclui-se que ações interdisciplinares e metodologias ativas contextualizadas para a valorização da história e cultura afro-brasileira são indispensáveis para a construção de uma educação mais equitativa, uma vez que tais estratégias contribuem para a consciência crítica.

**Palavras-chave:** Educação antirracista, Estratégias didáticas, Lei 10.639/2003, Racismo.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [maurilanecosta700@gmail.com](mailto:maurilanecosta700@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [alane@ufpi.edu.br](mailto:alane@ufpi.edu.br);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [Marisilva011221@gmail.com](mailto:Marisilva011221@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [alexia.almondes123@gmail.com](mailto:alexia.almondes123@gmail.com);

<sup>5</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [gheloisa336@gmail.com](mailto:gheloisa336@gmail.com);

<sup>6</sup> Professora da Universidade Federal do Piauí, Doutora em Educação - UFU, [prof.con@ufpi.edu.br](mailto:prof.con@ufpi.edu.br);



## INTRODUÇÃO

A implementação da educação antirracista na sociedade atual, deve ser fundamentada em estratégias pedagógicas significativas, exerça um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Essa prática está diretamente relacionada à luta contra o racismo e mostra-se eficaz desde que seja conduzida com bases sólidas, evitando o esvaziamento da temática. Assim, contribui para a formação crítica e social, bem como para a valorização e aceitação das características das pessoas negras, tanto por elas mesmas quanto pelas pessoas brancas. Trata-se de uma abordagem capaz de promover transformações em uma das lutas mais duradouras e necessárias: o combate ao racismo.

Em um cenário em que as crianças ainda são alvos de atos racistas no ambiente escolar, mesmo em uma sociedade contemporânea marcada por transformações em diversos âmbitos, torna-se cada vez mais necessário repensar as estratégias utilizadas na escola e adotar novas práticas pedagógicas. Nesse sentido, é essencial assegurar aquilo que constitui um direito de todos: o acesso a uma educação de qualidade.

Diante dessa realidade, este estudo busca destacar a importância da implementação de estratégias pedagógicas antirracistas, uma vez que se trabalhadas desde o início da educação básica tornam-se importantes aliadas na luta contra o racismo. Assim como qualquer prática pedagógica pensada e planejada a fim de trazer significado para o aluno, as práticas antirracistas revelam-se essenciais.

Partindo dessa premissa, o objetivo desse trabalho é apresentar estratégias didáticas exploradas na disciplina de Didática da História, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Hevídio Nunes de Barros, e refletir sobre sua aplicabilidade no ambiente escolar como incentivo para a equidade nas escolas, assim como o conhecimento e valorização da História e Cultura Afro-brasileira, bem como discorrer sobre a importância da educação antirracista no contexto escolar.

O presente trabalho justifica-se pela relevância da temática e pela necessidade de evidenciar que a Educação Antirracista é fundamental ao longo de toda a trajetória escolar. Além disso, busca ressaltar a importância de estratégias pedagógicas voltadas para essa abordagem, com o intuito de promover uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva, capaz de formar cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a justiça social.



## REFERENCIAL TEÓRICO

O racismo está presente em todas as camadas da nossa sociedade, seja no meio artístico, no futebol e até mesmo no ambiente escolar. Trata-se de uma prática que está enraizada na sociedade contemporânea, embora não se trate de um fenômeno recente, e em meio a muitas mudanças ele ainda está presente seja de forma explícita, sem preocupar-se com a criminalização do racismo, ou velada ao duvidar ou desacreditar uma pessoa negra, por exemplo, na indiferença às sanções legais que deveriam coibi-lo, enquanto sua forma velada se evidencia nas atitudes de surpresa diante de conquistas profissionais de pessoas negras ou na atribuição automática de funções consideradas “inferiores”, como faxineira, cozinheira, zelador com horas exaustivas de trabalho e com salários precários, Almeida (2019).

Infelizmente o racismo ainda integra o ambiente escolar, Ribeiro (2019, p.16) relata “o início da vida escolar foi para mim o divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade.” Isso por volta de 1982, uma criança de 6 anos forçada a se ver como um problema para a sociedade apenas por ser negra, trazendo essa situação para os anos atuais, ainda se tem relatos sobre essas questões que são vivenciadas nas escolas. Assim percebemos que, sim, o racismo, está presente em toda a sociedade, sendo evidenciado na escola não como o fato isolado que aconteceu décadas atrás, mas como algo ainda vivido por muitos na atualidade.

A partir do momento em que a criança atinge a idade para ingressar no mundo escolar, em específico adentrando as instituições de Educação Infantil, é oportuno considerar que esse espaço passa a se tornar o segundo local em que ela permanece por mais tempo fora do ambiente familiar. Trata-se, portanto, de um espaço dedicado ao cuidado e aprendizado, o que se torna essencial a presença da Educação Antirracista desde cedo, para evitar situações como a vivenciada pela autora citada acima. Entre seus inúmeros objetivos, destacam-se o combate ao racismo e o reconhecimento da própria identidade. Segundo Gomes:

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2005, p.43)

Essa identidade é resultado das interações, experiências e do conhecimento sobre sua história, refere-se a um processo construído ao longo do tempo, é inferir um significado a



própria identidade até então implícito, a partir do ato de olhar para si mesmo. Porém e, por um grande infortúnio, esse processo sofre uma grande influência da sociedade, uma vez que o desrespeito e preconceito se abrange e coloniza uma mente já fragilizada e marginalizada desde séculos atrás. Por isso, a importância de uma educação que trabalhe e valorize conceitos da identidade negra por meio da história e cultura afro-brasileira, como caminho para fortalecimento dessa identidade e contribuindo para o combate ao racismo.

Em concordância a autora citada acima Munanga (2019) ressalta que a identidade negra é construída em meio à luta contra o racismo e a discriminação, o que evidencia que, historicamente, essa identidade foi negada e inferiorizada pela sociedade brasileira. Nesse contexto, a resignificação da cor e da cultura como símbolos de pertencimento e afirmação positiva configura-se não apenas como um processo de resistência individual e coletiva, mas também como um movimento político e pedagógico essencial.

Quando crianças negras vivenciam situações em que não se veem representadas ou são tratadas de forma distinta, evidencia-se um problema no ambiente escolar e em seu papel social. A escola, que deveria promover inclusão e reconhecimento, acaba revelando falhas no sistema, nas práticas pedagógicas e no currículo. Nesse sentido, a importância da Educação Antirracista no ambiente escolar é evidente, pois, quando realmente implementada, ela é capaz de promover essas interações e gerar mudanças significativas. De acordo com Ferreira (apud Troyna e Carrington, 1990):

Educação antirracista refere-se a uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional. Essas reformas envolvem uma avaliação tanto do currículo oculto como do currículo formal. (Ferreiro, 1980 apud Troyna e Carrington, 2012, p. 2)

A Educação Antirracista revela-se um elemento essencial na luta contra o racismo, desempenhando um papel fundamental para valorização da história, da cultura afro-brasileira e na construção da identidade negra. No contexto escolar, essa perspectiva contribui para a composição de novas práticas voltadas ao combate às desigualdades raciais. Para tal propósito, faz-se necessário a implementação de estratégias pedagógicas que deem notoriedade a esses conhecimentos e promovam a formação crítica dos alunos.

Nessa perspectiva não podemos deixar de destaca que o Movimento Negro exerce um papel fundamental na luta por igualdade social, racial e na consecução da Lei nº 10.639/03.



Segundo Gomes (2011), os integrantes desse movimento, enxergam a educação como um começo para mudança, mas não como a única solução no combate ao racismo e desigualdade social, isso porque a educação desempenha um papel significativo na construção do conhecimento e consciência crítica. Um currículo fundamentado sob bases eurocêntricas acaba por reforçar a hegemonia branca e a “inferiorização” de pessoas negras. Por outro lado, a implementação de uma educação antirracista busca promover a valorização da história, da cultura e da identidade negra, contribuindo para a construção de um processo escolar mais inclusivo.

Quando o currículo e as práticas pedagógicas não incorporam efetivamente os fundamentos da Educação Antirracista ou quando esta se limita a discursos simbólicos e pontuais no ambiente escolar, a possibilidade de transformação é nula. Nesse cenário, corre-se um risco iminente de esvaziar a importância política e social dessa proposta, tornando ineficaz a luta que lhe dá sentido. A obrigatoriedade por trás da Lei nº 10.639/03 não é apenas sobre o dia da consciência negra, é sobre abordar a história e a cultura afro-brasileira por completo, lutas, conquistas, sua representatividade e importância na sociedade.

Ao abordar o currículo escolar percebe-se que, mesmo após a implementação da Lei nº 10.639/0, que torna-se obrigatório trabalhar a História e Cultura Afro-brasileira na escola, ainda é notório a invisibilização da história e cultura negra e afro-brasileira, uma vez que a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, não dispõe de unidades temáticas voltadas especificamente para o conhecimento e valorização da cultura. O fato de outros materiais e livros didáticos serem moldados à BNCC, acaba por dificultar a abordagem da temática na sala de aula, uma vez que a mesma não aborda, diretamente, a temática. Arriscamo-nos a dizer que, mesmo com a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira por lei, muitas escolas não cumprem tal determinação, com exceção do dia da Consciência Negra, data em que planejam diversas comemorações, mas pouco se fala sobre o seu verdadeiro significado.

Logo, é necessário que os professores estejam devidamente preparados para trabalhar as questões étnico-raciais em sala de aula. Tornando-se indispensável uma formação que possibilite aos docentes compreender e valorizar a História e Cultura da África e dos afro-brasileiros, de modo a superar lacunas existentes na prática pedagógica tradicional e promover uma educação antirracista.



A formação de professores tornou-se um dos principais focos das políticas públicas governamentais e das ações dos órgãos e instituições educacionais, seja na educação básica seja na superior. Nesse contexto, a formação continuada tem sido o remédio receitado para resolver o problema dos milhões de professores que não tiveram acesso a uma educação positiva para o tratamento das questões raciais e étnicas, para o reconhecimento e valorização da História e Cultura da África e Afro-Brasileira. (Paula; Guimarães, 2014, p. 437)

Ao destacar a formação continuada como “remédio receitado”, as autoras apontam para as lacunas existentes na formação inicial docente, que historicamente negligenciou o debate sobre relações étnico-raciais e a valorização da História e Cultura da África e Afro-Brasileira. Nesse sentido, a formação ao longo da carreira passa a ser compreendida como um instrumento essencial não apenas para atender a uma determinação legal, mas sobretudo para promover práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e comprometidas com o enfrentamento do racismo estrutural.

Um fato relevante para essa discussão é que o Ministério da Educação (MEC) em parceria com Interamericano de Desenvolvimento (BID), divulgou em 2024 uma pesquisa sobre desigualdade racial na educação, de acordo com a pesquisa, uma escola com 98,2% de alunos brancos têm acesso a uma infraestrutura melhor em comparação à escola em que a maioria dos estudantes, são considerados não brancos. Finaliza destacando que 2,3 milhões de discentes sem infraestrutura mínima, 86% são pretos, pardos ou indígenas. (Brasil, 2024). Essa é a realidade contemporânea no país mestiço, uma realidade com desigualdades em que alunos negros têm menos oportunidades e incentivos no ambiente escolar, inclusive no quesito a infraestrutura. Assim, falar sobre Educação Antirracista não se resume apenas ao currículo e às práticas pedagógicas, mas envolve também a garantia da qualidade do espaço escolar e, sobretudo, a efetivação do direito à igualdade.

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada neste trabalho trata-se de um relato de experiência, desenvolvido a partir das vivências na disciplina de Didática da História do Curso de Pedagogia. Essa abordagem permite refletir sobre a prática pedagógica e seu potencial transformador, com base em observações, atividades desenvolvidas e discussões teóricas ocorridas no contexto formativo. Além disso, o relato de experiência contempla a análise crítica das práticas



pedagógicas observadas e implementadas, buscando identificar estratégias que favoreçam a promoção da Educação Antirracista e a valorização da História e, em especial, da Cultura Afro-brasileira.

A reflexão sobre essas experiências permite não apenas descrever ações realizadas e vivenciadas, mas também busca compreender seus efeitos no desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes e na construção de um ambiente escolar mais inclusivo. Dessa forma, a metodologia adotada possibilita articular teoria e prática, de modo dinâmico, promovendo assim uma compreensão mais ampla do processo educativo e de seu papel transformador na formação de cidadãos mais conscientes exercendo seu papel na sociedade e na diversidade que a mesma dispõe.

Fundamentada na abordagem qualitativa, cuja escolha justifica-se pela natureza do objeto de estudo, que envolve descrever e refletir sobre experiências, significados e práticas construídas no contexto educacional. Segundo Minayo (2014, p. 57), a pesquisa qualitativa “caracteriza-se pela empiria e pela sistematização progressiva de conhecimento, permitindo que o pesquisador entenda a lógica interna do grupo ou do processo em estudo”, tratando-se de uma abordagem que começa com a observação e, aos poucos, vai organizando as informações que coleta, o que se aplica ao objetivo deste trabalho. Este estudo tem como embasamento o estudo da Lei nº 10.639/03. Dentre as referências teóricas utilizadas estão Gomes (2011), Munanga (2019) e Guimarães (2003).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao longo da disciplina de Didática da História presente na grade curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, foram realizadas atividades que acarretaram em experiências voltadas à construção de sequências didáticas, à criação e prática de atividades lúdicas para o ensino de história. Dentre esses estudos, destaca-se o da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas do Ensino Fundamental e Médio, tanto públicas como privadas.

A princípio, foi debatido em uma roda de conversa a temática Educação Antirracista, promovendo a reflexão coletiva sobre sua importância no contexto escolar. Em consonância



com o plano da disciplina, especialmente com o objetivo específico de “realizar o planejamento de propostas de aula, elaborando material didático pedagógico que possam contribuir para a construção de práticas críticas, criativas para o ensino de História”, surgiu a proposta de desenvolver sequências didáticas voltadas para a Educação Antirracista. Essa iniciativa foi essencial, pois buscou articular a teoria e a prática, permitindo que os estudantes planejassem atividades capazes de promover o respeito, a diversidade, a valorização da História e Cultura Afro-brasileira e o empenho crítico no processo de ensino-aprendizagem.

O desenvolvimento das práticas educativas se fundamenta na Lei 10.639/03, assim como, habilidades e competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Contudo, foram encontrados alguns desafios, visto que na BNCC não apresenta uma unidade temática específica sobre o assunto, embora apresente habilidades e competências a serem trabalhadas, não aborda conteúdos detalhados e específicos acerca do tema, deixando assim, uma lacuna curricular, principalmente em temas que exigem uma abordagem mais clara e aprofundada. Dessa forma, a responsabilidade de definir os conteúdos concretos fica a cargo das redes de ensino e dos professores, isso pode dificultar a abordagem dessa temática, visto que pode levar a tratamentos superficiais e até mesmo a omissão da temática, caso os educadores não estejam bem preparados ou se as redes de ensino não priorizarem o tema.

Durante a etapa de construção das sequências, buscou-se estratégias capazes de integrar todas as disciplinas no desenvolvimento das sequências didáticas. As apresentações das sequências didáticas ocorreram em formato de seminários, no decorrer das apresentações cada grupo deveria executar uma prática pedagógica presente na sua sequência. Houve a apresentação de quatro sequências, dentre elas os grupos optaram por abordar alguns conteúdos concretos, sendo eles: a cultura africana e afro-brasileira; a importância da cultura afro-brasileira; a valorização da diversidade racial; a construção de uma consciência antirracista; a valorização da herança cultural africana no Brasil. Dentre as atividades propostas, destacam-se ações voltadas à conscientização e reflexão sobre o racismo, à valorização da cultura afro-brasileira e de suas diversas manifestações, como a música, a gastronomia, referências ao grupo Olodum e a outros artistas representativos dessa tradição. Incluem-se também práticas voltadas à afirmação da identidade, à valorização do cabelo cacheado e afro, ao reconhecimento da diversidade das cores de pele e à percepção da beleza presente em cada indivíduo, promovendo o respeito à singularidade e à pluralidade no contexto escolar.





As atividades propostas nas sequências didáticas buscavam trabalhar diferentes dimensões da valorização da cultura afro-brasileira e da identidade negra, de forma lúdica e significativa para as crianças. Uma das estratégias propostas foi sobre a valorização da cultura, os alunos deveriam ser convidados a produzir máscaras, pinturas e colagens inspiradas em manifestações artísticas africanas e afro-brasileiras, ampliando o conhecimento e o respeito pela diversidade cultural. Outra proposta aplicada no decorrer da disciplina foi a valorização da culinária afro-brasileira, que aconteceria em um momento de socialização com comidas típicas de origem afro-brasileira, como feijoada, cuscuz, mungunzá e cocada. A atividade buscou evidenciar que, assim como a gastronomia, os ritmos, as danças e os jogos também constituem importantes elementos dessa herança cultural, promovendo a apreciação, o respeito e, sobretudo, a conexão com essa verdadeira riqueza presente na cultura afro-brasileira.

Uma das abordagens buscou explorar a diversidade das cores de pele, por meio da atividade intitulada “Lápis Cor de Pele”, na qual cada criança observa sua tonalidade em um espelho, fazia seu autorretrato e que iria para um mural coletivo intitulado “Nossas Cores, Nossa Beleza”, reforçando que todas as cores são únicas e belas. Complementando essa perspectiva, outra estratégia apresentada visava a valorização do cabelo, desenvolvida a partir da leitura do livro “O Cabelo de Lelê”, de Valéria Belém, e da criação de um mural coletivo “Nosso cabelo conta histórias”. Nesse mural, cada aluno pintaria as mãos com tinta guache e pressionaria as mesmas na parte superior da silhueta desenhada no papel, formando coletivamente o cabelo. A atividade permitiu abordar como os diferentes tipos de cabelo e tranças representam a história e a cultura afro-brasileira, compreendendo-os como elementos de identidade, memória e pertencimento.

Durante a aplicação prática de uma das estratégias presentes em uma sequência, a turma foi marcada por um momento de sensibilidade e acolhimento. A dinâmica consistia em colar fotografias dos discentes sobre uma silhueta, a fim de evidenciar a diversidade presente na sala de aula. Nesse momento, cada estudante retirava sua foto e compartilhava suas histórias pessoais, relatando lutas e experiências vividas. A proposta constituiu um espaço de acolhimento, no qual foi possível reconhecer que, apesar das diferenças, seja de cor da pele, de traços físicos ou de tipo de cabelo, há muito em comum entre todos, todos possuem dores e feridas guardadas. No entanto, foi possível perceber vivências em que as feridas foram causadas pela sua cor de pele ou pelos seus cabelos.



Durante o momento de relatos e memórias, pôde-se ouvir relatos de estudantes que sofreram racismo no ambiente escolar e fora dele, foram relatados apelidos e piadas sobre aspectos físicos como cabelos e cor de pele. Nesses relatos houve lágrimas, lágrimas de uma dor carregada desde a infância, que influenciaram na autoestima, introversão, e principalmente, aceitação. Essa atividade específica, através dos relatos dos estudantes, proporcionou uma profunda reflexão sobre a importância das práticas pedagógicas que valorizem a cultura afro-brasileira, a beleza da diversidade e a riqueza nela existente. Com isso, pôde-se perceber a necessidade de professores bem preparados e engajados nessa temática para promover um ambiente escolar mais inclusivo, acolhedor e representativo. Assim, evitando que mais crianças cresçam com as consequências do racismo, pois essas consequências perduram, muitas vezes, a vida inteira, influenciando diretamente em suas vidas adultas.

Nesse viés, Guimarães (2014) afirma que a formação continuada tem sido um instrumento para preparar professores que não receberam a educação adequada sobre as questões raciais e étnicas, buscando assim, promover o reconhecimento e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira no ambiente escolar. Portanto, torna-se necessário uma formação sólida acerca deste tema, para que os professores estejam habilitados na execução de atividades que promovam uma educação antirracista.

## **CONCLUSÃO**

No decorrer deste trabalho buscou-se discutir sobre a importância da Educação Antirracista e a valorização da Cultura e História Afro-brasileira por meio de estratégias pedagógicas voltadas para a temática em questão. Dito isso, conclui-se que a Educação Antirracista é essencial para a promoção de uma educação de qualidade e equitativa, visto que se configura como um caminho que possibilita ao aluno desenvolver uma consciência crítica racial, capaz de compreender e respeitar as diferenças sem reproduzir a inferiorização do outro a partir de suas características físicas. Principalmente em um cenário em que o racismo é uma realidade no cotidiano escolar na contemporaneidade.

Nesse viés, a escola, como o segundo principal ambiente de socialização da criança, não deve limitar-se a estratégias eurocêntricas, mas precisa considerar e implementar práticas pedagógicas voltadas para uma educação antirracista. Tais práticas devem abordar questões como a identidade negra, a valorização da cultura e da história afro-brasileira e a promoção de



um ambiente que respeite e reconheça as diversidades.

Nessa perspectiva, destacamos importância da Lei 10.639/03 e a luta do Movimento Negro que existiu para se alcançar esse marco na educação, visto que por meio dela estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira elementos essenciais para a eficácia de uma Educação Antirracista, uma vez que a partir desse ensino existe o fortalecimento da identidade negra.

Neste sentido, a elaboração de sequências didáticas promovida pela disciplina de Didática da História mostra-se essenciais para transformar a realidade atual, ao propor estratégias pedagógicas voltadas para a Educação Antirracista. Destaca-se, ainda, a necessidade de implementar tais estratégias, promovendo uma relação articulada entre teoria e prática, Educação Básica e Ensino Superior, bem como fortalecendo o comprometimento de toda a comunidade escolar.

## REFERÊNCIA

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo. Pólen, 2019. cap. 2, p. 38-52. Disponível em: Racismo estrutural (Feminismos plurais) (usp.br). Acesso em: 17 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portal do MEC**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/mec-divulga-pesquisa-sobre-desigualdade-racial-na-educacao>. Acesso em: 20 de julho de 2025.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. **Revista de Educação Pública**, v. 21, n. 46, p. 275-288, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação- Periódico científico editado pela ANPAE**, v. 27, n. 1, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-64.



Minayo, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/584246427/Livro-O-DESAFIO-DO-CONHECIMENTO-ATUALIZADO-Minayo-2014>. Acesso em: 20 de julho de 2025

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <https://saraus.com.br/downloads/Pequeno%20Manual%20Antirracista%20-%20Djamila%20Ribeiro.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2025.

PAULA, Benjamin Xavier de; GUIMARÃES, Selva. 10 anos da lei federal nº 10.639/2003 e a formação de professores: uma leitura de pesquisas científicas. **Educ. Pesqui**, p. 435-448, 10.

